

Tessa Dare

Vencedora do Prémio RITA • Bestseller do *New York Times*



«Provavelmente o melhor livro
de Tessa Dare.»

PUBLISHERS WEEKLY

o Duque DA Ruína

TOP
SEL
LER

Porque as meninas não são meninas para sempre.

Capítulo 1



Ao longo de todos aqueles anos em que vinha cuidando de animais abandonados, Lady Penelope Champion aprendera algumas coisas.

Que os cães ladravam e os coelhos pulavam.

Que os ouriços se enroscavam, fazendo lembrar almofadas de alfinetes.

Que os gatos se instalavam no meio da carpete da sala de estar e se lambiam em sítios indelicados.

Que os papagaios, atrapalhados, voavam janela fora e pousavam em saliências inalcançáveis. E que Penny se inclinaria sobre caixilhos de janelas, vestida com a sua camisa de noite, para os salvar — mesmo que isso significasse colocar-se a si própria em perigo.

Não podia mudar a sua natureza, tal como as criaturas perdidas, sós, feridas e abandonadas que lhe enchiam a casa não podiam mudar a delas.

Penny agarrou-se ao encaixe da janela com uma mão e, com a outra, acenou com um mimo.

— Vem, fofinha. Anda cá. Tenho aqui uma bolachinha para ti.

Delilah inclinou a cabeça emplumada e olhou para o mimo. Mas não se mexeu.

Penny suspirou. Na verdade, a culpa era toda dela. Esquecera-se de cobrir a gaiola ao cair da noite e deixara uma vela acesa até demasiado tarde enquanto acabava um romance delicioso. Contudo,

nunca lhe passara pela cabeça que *Delilah* fosse esperta o suficiente para enfiar uma garra entre as grades e abrir a portinhola.

Depois de a papagaia se ter escapulido, aproveitou que a janela estava aberta.

Penny juntou os lábios e assobiou.

— Estás a ver, linda? É uma bela bolacha, não achas? É de gengibre.

— *Linda menina* — chilreou a papagaia.

— *Sim*, linda... És muito linda.

Delilah esboçou um movimento para o lado. Ah, finalmente, progressos.

A ave aproximou-se...

— É isso mesmo. Anda, querida.

Mais perto...

— Linda menina.

Só mais uns centímetros...

Raios!

Delilah arrebatou a bolacha dos dedos de Penny, recuou rapidamente e lançou-se num curto voo, pousando no peitoril da casa ao lado.

— Não. Por favor. Não.

A papagaia esvoaçou e entrou pela janela aberta.

Raios...

A velha residência dos Wendlebys estava desabitada havia muitos anos, sendo frequentada apenas por alguns empregados que tomavam conta dela, mas a propriedade mudara recentemente de mãos. O misterioso novo dono ainda não dera o ar de sua graça, mas já havia enviado um arquiteto e um regimento de trabalhadores para fazerem várias melhorias barulhentas e poeirentas. Uma casa em obras não era sítio para uma ave indefesa andar a voar às escuras.

Penny tinha de a ir buscar.

Olhou para a saliência que ligava as duas casas. Se se descalçasse, subisse para a saliência e se se agarrasse ao estreito rebordo de argamassa com os pés descalços e andasse sobre ele

cuidadosamente... a janela aberta estaria ao seu alcance. A distância era apenas de alguns metros.

Ou melhor: eram uns meros metros até à janela. Mas mais de seis metros até ao chão.

Penny acreditava em muitas coisas. Acreditava que a educação era importante, que os livros eram vitais, que as mulheres deviam poder votar e que, lá no fundo, a maior parte das pessoas tinha bom coração. Acreditava que todas as criaturas de Deus — humanas ou não — mereciam amor.

Contudo, não era tola a ponto de acreditar que era capaz de voar.

Atou o robe à cintura, calçou uns chinelos e desceu para a cozinha, onde se dirigiu ao armário das especiarias e abriu a primeira gaveta à esquerda. A memória não lhe falhara — ao fundo da gaveta, presa num pedaço de madeira com um pouco de cera de vela, estava uma chave.

Uma chave que abria a porta dos fundos dos Wendlebys.

Penny tirou a chave antiga e raspou a cera com a unha do polegar. A sua família e os Wendlebys tinham trocado chaves décadas antes, como era costume os bons vizinhos fazerem. Nunca se sabia se poderia surgir uma situação urgente. Aquela era uma dessas situações. Àquela hora, acordar os empregados levaria demasiado tempo. Tal como entrara, *Delilah* poderia sair a voar a qualquer momento. Penny só esperava que aquela chave ainda servisse na fechadura.

Saiu para a escuridão. Numa mão, levava a gaiola vazia de *Delilah*. Com a outra, apertava o robe com força para se proteger do frio.

Passando furtivamente em frente à porta da frente da casa, dirigiu-se para a entrada dos criados. Aí, a coberto das sombras, introduziu a chave na fechadura, fazendo-a passar com jeito por entre as tranquetas. Depois de a ter introduzido até ao fim, virou-a com um rangido.

Ouviu-se um clique e a chave rodou. A porta abriu-se.

Ficou imóvel, ofegante, à espera de que, lá de dentro, alguém se apercebesse.

Para lá do bater forte do seu coração, apenas silêncio.

Ali estava ela, perfeitamente alheia à ciência criminal, prestes a incorrer no crime de invasão de propriedade ou talvez até roubo — senão uma combinação de ambos.

Um leve assobio vindo de cima sublinhou a urgência da sua missão.

Fechando a porta atrás de si, Penny pousou a gaiola no chão, levou a mão ao bolso do robe e tirou o círio e a pederneira que ali pusera imediatamente antes de sair de casa. Acendeu a vela com uma mão, levantou a gaiola de *Delilah* com a outra e avançou casa adentro.

Passou pela ala dos criados e subiu uma escadaria que dava para o corredor principal da casa. Já não ia àquela casa havia vários anos. Devido às dificuldades dos Wendlebyts, a casa ficara num estado de decadência refinada.

Contemplava agora, finalmente, o resultado dos vários meses de obras.

Se o novo dono queria uma casa monumental, conseguira-o. Uma casa bastante fria e sem alma, na sua opinião. Mas ela nunca fora pessoa de dar nas vistas. E aquela casa não dava só nas vistas — cegava. O *hall* era visualmente equivalente a uma fanfarra de 24 trompetes. Os contornos dourados e os painéis espelhados capturavam a luz da sua vela, espelhando os raios para trás e para a frente até serem amplificados num clarão brilhante.

— *Delilah* — sussurrou, de pé, ao fundo da escadaria principal. — *Delilah*, onde estás?

— *Linda menina*.

Penny levantou a vela e olhou para cima. *Delilah* estava empoeirada no corrimão, no patamar do segundo andar.

Graças a Deus.

A papagaia mudou de uma pata para a outra e inclinou a cabeça.

— Sim, fofinha. — Penny subiu as escadas com passos suaves e lentos. — És uma menina muito, muito linda. Sei que sentes a falta da dona e que tens saudades de casa. Mas esta não é a tua casa, estás a perceber? Não há bolachas aqui. Vou levar-te

para casa onde ficas quentinha e confortável e podes comer todas as bolachas de gengibre que quiseres. Só quero que fiques... aí...

Quando estava a um braço de distância, a ave bateu as asas e subiu para o patamar seguinte.

— *Linda menina.*

Sacrificando o silêncio, Penny correu velozmente escadas acima e chegou ao patamar a tempo de vislumbrar a papagaia a fugir por uma porta aberta. Ela conhecia suficientemente bem a casa para saber que a ave se metera num beco sem saída.

Entrou na divisão — um quarto com paredes recentemente forradas com um luxuoso damasco de seda e dominado por uma enorme cama de quatro colunas. A cama, suficientemente grande para ser ela própria um quarto, encontrava-se resguardada por cortinas de veludo verde-esmeralda.

Penny fechou cuidadosamente a porta ao entrar.

Delilah, estás encurralada.

Encurralada, talvez, mas ainda não estava apanhada.

A ave fê-la correr atrás dela pelo quarto, voando da coluna da cama para o guarda-roupa, de seguida de volta para a coluna, depois para a cornija e de volta para a coluna. Céus, porque havia a cama de ter tantas colunas?!

Entre correr pelas escadas acima e andar atrás da ave no quarto, Penny estava sem fôlego. Se não fosse pelo seu desmesurado empenho em salvar criaturas abandonadas...

Delilah pousou no lavatório e Penny mergulhou para salvar a bacia e o jarro antes que se desfizessem no chão. Ao colocá-los de novo no lugar, apercebeu-se de vários outros objetos que estavam sobre a mesa de mármore. Um sabonete, uma lâmina de barbear afiada, uma escova de dentes e dentífrico em pó. Provas de ocupação recente.

Ocupação masculina.

Penny tinha de apanhar aquela papagaia e sair dali.

Em vez de pousar numa coluna, *Delilah* cometeu o erro de voar para baixo do dossel e a sua fuga viu-se travada pelas volumosas cortinas.

Penny correu para a cama, deu um salto e conseguiu agarrar uma patinha provida de garras.

Já está. Apanhei-te.

Apanhar a papagaia teria sido uma vitória a celebrar. Contudo, quis a sorte que também Penny fosse apanhada.

A porta comunicante do aposento abriu-se subitamente. Uma vela projetou luz sobre o quarto. Penny largou a pata de *Delilah* e a ave voou novamente para fora do alcance dela — deixando a dona esparramada, apenas com a roupa de dormir, sobre a cama de um estranho, e sem papagaia.

Quando virou a cabeça para a figura que estava à porta, rezou aos céus: *Por favor, que seja uma criada.*

É claro que não teve essa sorte. Estava um homem junto à porta. Segurava uma vela e estava nu.

Bom, não estava completamente nu, corrigiu-se ela. Estava vestido com qualquer coisa. Essa «coisa» era um ténue pedaço de linho húmido colado tão precariamente às ancas que podia deslizar para o chão a qualquer momento — mas, de alguma maneira, poderia ser considerado roupa.

E, por baixo da roupa, toda a gente anda nua, não anda? Aquilo não era assim tão diferente. Para quê tanto recato? Afinal, ele não parecia embaraçado. Nem um pouco.

Não, ele estava magnífico. Magnificamente irritado.

— De onde diabo é que apareceu?

O tom de voz era compreensivelmente zangado. E capaz de pôr as pernas de alguém a tremer que nem gelatina.

Penny saiu atabalhoadamente do meio das cortinas da cama e quase se estatelou no chão.

— Vivo aqui ao lado. Na minha casa.

— Bem, eu sou o dono desta.

— Não sabia que o novo dono estava em casa.

— A partir desta noite, estou.

— Pois, estou a ver que sim.

Via muita coisa. Muito mais do que era decente. No entanto, não conseguia desviar o olhar.

Céus, que homem grande, brutal e belo.

Era imenso. Alto, largo, poderosamente musculado. E completamente nu, excetuando aquela fina e pequena toalha. O seu cabelo era forte e escuro. Céus, cabelo e pelos não lhe faltavam. Não só na cabeça, caindo em caracóis húmidos, mas a delinearem o queixo vigoroso. E cobrindo-lhe levemente o peito.

Tinha mamilos. Dois.

Olhos, Penny! Ele também tem dois olhos. Concentra-te nos olhos.

Infelizmente, a estratégia não lhe serviu de nada. Os olhos dele eram lascas de ónix. Lascas de ónix mergulhadas em tinta, depois envoltas em obsidiana, em seguida pintalgadas de alcatrão e por fim atiradas para um poço sem fundo. À meia-noite.

— Quem é o senhor? — perguntou ela, baixinho.

— Sou Gabriel Duke.

Gabriel Duke.

O Gabriel Duke?

— Prazer em conhecê-lo — disse, pela força do hábito, nem que fosse só porque estava a ouvir a mãe a desaprová-la lá desde a Índia.

— Não devia ser um prazer. Não o é para ninguém.

Tinha razão. Os jornais tinham gasto oceanos de tinta com aquele homem que, vindo de origens desconhecidas, tinha agora uma inaudita influência. Impiedoso, diziam alguns. Desavergo-nhado, diziam outros. Obscenamente rico, concordavam todos.

Chamavam-lhe o Duque da Ruína.

Algures lá de cima, *Delilah* soltou um assobio travesso, quase indecente. A papagaia saiu de entre as cortinas da cama e esvoaçou pelo quarto, pousando numa luminária apagada na parede do lado oposto. Diretamente por trás do novo e impressionantemente viril vizinho.

Ah, sua ave traiçoeira!

Ele recuou e baixou-se quando o pássaro lhe passou por cima.

— Que diabo vem a ser isto?

— Eu posso explicar.

Não que o queira fazer.

— É uma papagaia — disse ela. — A minha papagaia.

— Estou a ver. E quem é a senhora, já agora?

— Eu... hum... — As mãos dela não conseguiam decidir onde ficar. Limitavam-se a acusar o desejo apavorado de estar noutra sítio qualquer.

Algures de uma parte escultural e escorregadia do corpo dele caíram gotas, pontuando as batidas da mortificação dela.

Ping. Ping. Ping.

— Sou a Lady Penelope Champion.

Lady Penelope Champion.

A Lady Penelope Champion?

Gabe inclinou a cabeça para um lado, expulsando um resquício de água do banho que ainda tinha no ouvido. Não devia ter ouvido bem. Com certeza quis dizer que era uma criada da casa de Lady Penelope Champion.

— Não pode ser a Lady Penelope.

— Não?

— Não. A Lady Penelope é uma solteirona que vive sozinha com dúzias de gatos.

— Não são *dúzias* — disse ela. — Passam um pouco da dúzia neste momento, mas só porque estamos na primavera. A época dos gatinhos, sabe...

Não, não sabia. Nada daquilo fazia sentido.

Lady Penelope Champion fora a principal razão para ele ter comprado aquela propriedade. Os novos-ricos eram capazes de pagar quantias escandalosas para viverem ao lado de uma *lady*, mesmo que a dita *lady* fosse uma solteirona pouco atraente.

Mas como podia aquela mulher ser uma solteirona? Sendo filha de um conde, certamente possuía um grande dote. Se nenhum dos ociosos ávidos de título nobiliárquico e carregados de dívidas de Mayfair tinha visto algo de interessante para lhe propor casamento, a lógica impunha que deveria haver qualquer coisa terrivelmente desencorajadora nela.

Talvez uma voz insuportavelmente rouca.

Ou talvez dentes tortos ou má higiene pessoal.

Mas não descortinava nela qualquer dessas características. Era jovem e bonita, sem odor que se detetasse. Os dentes pareciam um fio de pérolas; a voz, um raio de Sol. Nada havia de desmotivante nela. Era... cativante de todas as maneiras.

Céus! Ia vender aquela casa por uma fortuna.

Partindo do princípio de que Lady Penelope não estava arruinada, claro.

Na classe social dela, para estar arruinado, não era preciso muito. Apenas como exemplo ao acaso, ela podia ficar arruinada por ser encontrada sozinha e parcamente vestida nos aposentos do vilão mais detestado pela aristocracia, e naquele momento, também o mais nu.

— Tem de sair daqui — disse ele. — Imediatamente.

— Não posso, tenho de apanhar...

— Não saia daqui. Vou vestir-me e depois levo-a a sua casa. Discretamente.

— Mas...

— Não discuta — rosnou ele.

Gabe subira na vida a pulso, usando pelo caminho os aristocratas insolventes de Londres como trampolim. Mas não se esquecera das suas raízes. Aprendera a falar e a andar entre as pessoas que se achavam melhor do que ele. Mas o miúdo de rua de origens humildes ainda vivia dentro dele — incluindo a voz rouca de patife que fazia as senhoras elegantes agarrarem-se às suas carteiras. Quando escolhia usar aquela voz, raramente era ignorado.

Mas Lady Penelope Campion não lhe estava a prestar atenção alguma.

O olhar dela estava focado em qualquer coisa atrás dele, por cima do ombro. Instintivamente, ele começou a virar a cabeça.

— Pare — disse ela, perfeitamente calma. — Não se mexa.

Ele ouviu um esvoaçar estranho e, no momento seguinte, aconteceu.

Um pássaro pousou-lhe no ombro. Um papagaio, ouvira ele? As garras da criatura picavam-lhe a pele. Os músculos contraíam-se-lhe, com a premência de a fazer sair dali.

— Não faça isso — disse ela. — Vou aí buscá-la.

Noutra situação, Gabe hesitaria em receber ordens de uma senhora — ou fosse de quem fosse. Contudo, aquela era uma situação decididamente inusitada.

— *Linda menina* — grasnou a ave.

Gabe cerrou os dentes. *Achas que não dei conta disso, seu pombo pretensioso?*

Ela caminhou subtilmente na direção dele, em silêncio, passo a passo, sem fazer um som. À medida que se aproximava, saíam-lhe dos lábios palavras doces como gotas de puro mel.

— Isso, querida — murmurou ela.

Ele ficou com os pelos da nuca em pé.

— Não... te... mexas — continuou ela.

Os pelos dos braços também lhe ficaram em pé.

— Isso — disse ela baixinho. — Isso mesmo.

Agora eram os pelos da barriga das pernas. Maldição, tinha demasiados pelos. Quando aquilo chegasse ao fim, estariam todos em pé.

Tal como outras partes do seu corpo.

— Não te mexas — pediu ela.

Não podia falar pela papagaia, mas ele estava a mexer-se. Em particular, uma parte dele com vontade própria, especialmente quando se tratava de mulheres bonitas em camisas de noite translúcidas. Já há algum tempo que não dormia com uma mulher, mas o seu corpo tinha boa memória.

Não se controlou. Lançou um olhar furtivo para a cara dela. Só meio segundo. Não foi o tempo suficiente para atentar em cada pormenor das feições dela. De facto, não foi mais longe do que os lábios dela. Lábios exuberantes como pétalas, de um cor-de-rosa suave e terno.

Estava agora muito perto. Tão perto que, quando respirou, inalou uma golfada do aroma dela. Cheirava deliciosamente. Um leve desejo surgiu-lhe no peito.

— Sei que te sentes perdida. E assustada. Tens saudades dela, não tens? Mas eu estou aqui, querida. Estou aqui.

As palavras dela fizeram disparar nele uma dor estranha desde os dentes até à ponta dos pés. Uma consciência dolorosa de todos os seus pontos ocos e vazios.

— Vem comigo para casa — sussurrou ela. — E resolvemos o resto juntas.

Ele não aguentava mais.

— Por amor de Deus, tire-me esta maldita ave de cima!

Por fim, ela pegou no animal emplumado.

— Pronto, já está. — Embalando-a nos braços, levou a papa-gaia para a gaiola e meteu-a lá dentro. Gabriel soltou um suspiro de alívio. — Ela ficaria mais sossegada se lhe cobrisse a gaiola — disse a bela intrusa. — Não tem uma toalha?

Ele olhou para a que tinha à volta das ancas.

— Precisa mesmo dela?

Ela corou.

— Deixe estar. Tenho de ir andando.

— Eu acompanho-a.

— A sério que não precisa de fazer isso. É mesmo aqui ao lado, a menos de 20 passos.

— São 20 passos a mais.

Gabe podia não agir de acordo com as regras da sociedade mais polida, mas compreendia-as o suficiente para saber que aquela situação violava pelo menos 17 dessas regras. E tudo o que violasse a reputação dela reduziria o lucro que ele tencionava fazer com aquela casa.

Até a vender, o valor dela estava interligado ao dele.

— Está, sem dúvida, acostumado a fazer o que quer, Vossa Senhoria. Mas já arruinei lordes, barões, cavaleiros e cavalheiros suficientes para encher Bloom Square. — Arqueou uma sobran-celha. — Acredite quando lhe digo que encontrou um par à sua altura.

Capítulo 2



Penny ficou a olhar em silêncio enquanto Gabriel Duke dava meia-volta e saía a passos largos para o seu vestiário. Depois as pernas fraquejaram e deixou-se cair no chão, trémula. Céus.

Ele deixara a porta aberta. Quando a toalha caiu ao chão, ela ainda vislumbrou um traseiro firme e musculado antes de desviar o olhar.

Oh, Senhor, oh, Senhor, oh, Senhor...

Depois de fechar e voltar a fechar a gaiola de *Delilah* por segurança, Penny levantou-se e tentou recompor-se.

Olhou para o robe. O padrão desbotado do tule estava fora de moda há anos e as pontas da faixa estavam irremediavelmente esfiapadas — vítimas das unhas de muitos gatinhos brincalhões. E o cabelo... Oh, imaginava o estado em que estaria o seu cabelo depois daquelas peripécias.

Espreitou para o espelho do toucador. Estava pior do que temia. A trança fazia a crista eriçada de *Delilah* parecer elegante. Penny desatou rapidamente o pedaço de musselina que tinha à volta da trança e penteou-se com os dedos antes de voltar a fazer a trança e prender a ponta. Semicerrou os olhos para o espelho outra vez. Melhor, avaliou ela. Não muito, mas melhor. *Linda menina!*

Do vestiário ouviu-se um gemido exasperado do Sr. Duke.

— Peço desculpa por o importunar — disse ela. — A *Delilah* só chegou a Bloom Square há algumas semanas. A dona morreu.

Os papagaios são leais e inteligentes, e muitas vezes vivem mais tempo do que os seus companheiros humanos. Por isso, ela não só foi desenraizada da sua casa, como também está de luto.

— Devo dizer que não me parece particularmente afetada.

— Ela diz coisas muito engraçadas, não diz? «Linda menina» e «Sim» e... Chegou a ouvir aquela? «Vai uma...» quê? Nunca consigo perceber o que ela diz no fim. Mas de certeza que não é bolacha. Talvez «Vai uma cueca»? Mas quem oferece uma cueca a um papagaio? Às vezes, parece que diz «Vai uma boneca, calor?», mas isso faz ainda menos sentido. Palavra de honra que o mistério me anda a pôr meio maluca.

— Vai uma queca?

Ela ficou petrificada.

— Não estou assim tão desesperada como isso.

Ele voltou para o quarto, já vestido com um par de calças e uma camisa desabotoada.

— É o que a papagaia está a dizer. «Vai uma queca, amor?» Esse pássaro estava num bordel.

Ela ficou alguns momentos em silêncio, escandalizada. Nunca tinham falado com ela assim, mas não era isso que a perturbava. O que a perturbava era o quanto ela estava a gostar.

— Não pode ser — disse ela. — Ela pertencia a uma velhinha. Foi isso que me disseram.

— As donas dos bordéis também envelhecem.

— *Linda menina!* — *Delilah* soltou um assobio atrevido. — *Vai uma qu...*

Penny pôs a mão na boca.

— Oh, não.

— *Sim! Sim! Oh! Isso!*

O Sr. Duke sentou-se para calçar as botas.

— Por favor, diga-me que não preciso de lhe traduzir aquilo.

A Penny não ocorria nada que pudesse dizer para tornar aquela conversa menos horrível. Não conseguia articular uma palavra. Não que tivesse perdido a língua. A língua tinha-se enrolado e morrido.

Calçadas as botas, ele dirigiu-se para a porta e manteve-a aberta para ela passar. Agradecida, Penny levantou a gaiola e apressou-se para a saída.

— Eu sei como a reputação de uma senhora pode ser... frágil — disse ele. — Por isso, para que nos entendamos: ninguém pode saber que a menina esteve aqui.

— Lady Penelope?

Penny foi apanhada de surpresa.

A governanta, a Sra. Burns, estava no corredor. Desviou os olhos para o seu empregador.

— Sr. Duke.

O Sr. Duke lançou um impropério em voz baixa. Se fosse de dizer palavrões, Penny teria feito o mesmo.

A Sra. Burns tomava conta da casa Wendleby desde que Penny se lembrava. Tinha pavor da governanta quando era criança.

Pouco mudara nesse aspeto. Agora a mulher era ainda mais assustadora, vestida de preto da cabeça aos pés, com um severo risco ao meio no cabelo. A vela que tinha na mão projetava-lhe sombras macabras na cara.

— Posso ajudar em alguma coisa? — entouo ela solenemente.

— A minha papagaia entrou pela janela e eu vim buscá-la — apressou-se Penny a explicar. — O Sr. Duke teve a gentileza de me ajudar. Sra. Burns, teria a bondade de me acompanhar a casa?

— Seria prudente. — A governanta lançou-lhe um olhar desaprovador. — No futuro, minha menina, sugiro que acorde uma criada para lhe abrir a porta.

— Oh, não volta a acontecer. — Penny olhou de relance para o Sr. Duke ao preparar-se para sair. — Garanto-lhe isso.

De facto, Penny tinha gizado um plano simples para lidar com a presente situação.

Agradecer ao homem por a ter ajudado...

Retirar-se calmamente...

E depois nunca, mas nunca, voltar a sair de casa.

Sendo dono de propriedades em toda a Grã-Bretanha — hotéis, casas na cidade, minas, fábricas, propriedades rurais —, Gabe estava habituado a acordar em quartos desconhecidos. Apenas três coisas nunca mudavam.

Levantava-se sempre ao romper do dia.

Acordava sempre com fome.

E acordava sempre sozinho.

Tinha também regras estritas no que tocava a encontros sexuais — não os pagava, não suplicava por eles e de certeza não se ia casar por causa deles. Quando estava em Londres, encontrava facilmente amantes de ocasião, mas ultimamente saltava de um lugar para o outro com tanta frequência que simplesmente não tinha tempo.

Naquela manhã em particular, sentou-se na cama, acalmou-se e familiarizou-se com o que o rodeava. Mayfair. Bloom Square. A casa que lhe devia trazer um lucro apreciável quando estivesse finalmente pronta para ser vendida.

A casa que ficava ao lado da *dela*. Lady Penelope Champion — a solteirona madura, gasta, desagradável à vista, que...

Que, por sinal, não era nenhuma dessas coisas. Bem pelo contrário. Quis a sorte que Lady Penelope Champion fosse, afinal, uma beldade de cabelos loiros e olhos azuis.

Ainda a conseguia ver estendida na sua cama apenas usando um robe. Uma Caracolinhos Dourados adulta, depois de ter entrado sub-repticiamente na sua casa sem ser convidada para experimentar o colchão. Demasiado mole, demasiado duro...?

Não sabia a opinião dela, mas a reação de Gabe foi a última. Tinha o pénis no seu habitual auge matinal, duro como pedra.

Esfregou a cara com uma mão e cambaleou até à casa de banho.

A viagem deixara-o demasiado cansado para inspecionar as novidades das obras no dia anterior, mas tudo parecia estar em ordem naquela manhã. Chão de mármore e uma imensa banheira de cobre, com torneiras para água corrente — quente e fria.

Na noite anterior ficara-se por um banho rápido de água fria. Mas agora tencionava tomar um banho quente. Entrou na

banheira e abriu a torneira marcada com um «Q». A torneira estremeceu, mas recusou-se a deitar água. Gabe abanou-a suavemente e depois deu-lhe uma palmada firme. Nada.

Em toda a sua vida, nunca virara costas a uma briga, mas aquele era seguramente o seu confronto mais ilógico até então: pugilismo com uma torneira de água.

Bateu no tubo, que finalmente cedeu com um ronco e um gemido. Um jato de água fria borrifou-lhe a cara, e agulhas de gelo feriram-lhe os olhos e a boca. Raios, até entraram pelo nariz acima.

A torneira ganhara o primeiro assalto.

Bloqueando o espirro de água com uma mão, fechou a torneira com a outra. Exasperado, rodou a torneira marcada com um «F». Um banho frio tinha afinal os seus benefícios. Após alguns minutos a esfregar-se com a água fria a ponto de fazer gelar os tintins, lá conseguira afastar da sua mente os lábios macios e rosados da vizinha.

Ou quase.

O resto da rotina matinal foi simples. Lavou os dentes, fez a barba, penteou o cabelo abundante e teimoso e vestiu-se.

Antes de sair da casa de banho, pegou na moeda de prata baça que tinha no toucador — um xelim, gasto e liso — e meteu-a no bolso do colete. Ao longo dos anos, aquele xelim havia-se tornado o seu talismã. Um lembrete das suas origens e de até onde se alçara. Não saía de casa sem ele.

Abriu a porta e berrou:

— Hammond!

O arquiteto apareceu um minuto depois no topo das escadas, arquejando com a subida.

— Bom dia, Sr. Duke.

— Podia ser um bom dia se as torneiras de água quente por cuja instalação paguei centenas de libras estivessem a funcionar. — Abanou a cabeça. — Esta casa já devia estar acabada há meses.

— Bem sei que era a sua esperança.

— A minha expectativa — corrigiu Gabe. — Passei três anos a lutar em tribunal para ganhar o direito à posse desta casa. Estou

a gastar milhares para a modernizar. Mas não posso obter qualquer lucro até a vender.

— Como lhe disse nas minhas cartas, Sr. Duke, houve alguns obstáculos.

— Você chama-lhes obstáculos. Para mim, parecem-me desculpas. — Fez um gesto para o lavatório. — Disse-me que este era o último grito em termos de tecnologia hídrica. Água quente corrente.

— E é mesmo. Na verdade, é tão recente que esta é a segunda caldeira do género que há em Inglaterra. Apenas um homem deste lado do Canal sabe repará-la.

— Então traga cá o homem para reparar a maldita engenhoca.

— Pois, foi aí que deparamos com o obstáculo. — Hammond entrelaçou as duas mãos no cabelo branco grosso. — Esse homem em particular está morto.

Gabe soltou um impropério.

— Traga o outro de barco, então.

— Já vem a caminho.

Ao percorrerem o corredor, Gabe parou para espreitar pelas portas abertas, avaliando o progresso em cada divisão. Numa não havia papel de parede, noutra a sanca ainda não estava acabada...

Inaceitável.

— Fale-me então dos outros «obstáculos» com que se deparou, Hammond.

O arquiteto olhou para as escadas e baixou a voz, falando sem mover os lábios.

— Estou a olhar para um deles neste instante.

Gabe espreitou na mesma direção.

— A governanta?

— Oh, ainda bem — murmurou ele. — Também a vê.

— Não era suposto?

— Não sei. Não tenho a certeza de ela ser humana. Por vezes, acho que é um fantasma que assombra a casa há séculos.

Gabe lançou um olhar preocupado ao arquiteto. Talvez o homem precisasse de umas férias. Já não ia para novo.

Avaliou a governanta à luz do dia. A mulher tinha um porte rigoroso e a sua figura geral podia mesmo ter sido esboçada em carvão — desde o seu cabelo preto com risco ao meio severamente delineado até ao vestido preto abotoado à frente, passando pelos sapatos pretos impecavelmente engraxados.

— Se quer saber, a mim parece-me uma governanta típica.

— Garanto-lhe que não há nada de típico naquela mulher — retorquiu Hammond. — Vai ver. Juro que ela passa pelas paredes. Materializa-se de repente. Vamos a passar por um corredor completamente vazio e, do nada, lá está ela, mesmo à nossa frente.

Gabe teve de admitir que era verdade que ela lhe aparecera vinda do nada na noite anterior.

— Sou arquiteto. Se houvesse corredores secretos nesta casa, eu saberia, e não há. Estou a dizer-lhe, ela é um espírito. Espero que a despeça, mas não tenho a certeza de que isso desse algum resultado. O mais adequado seria um exorcismo.

— Encontrar e formar uma substituta adequada seria uma tarefa monumental, só por si. — Gabe sabia o valor que um empregado competente tinha, e, depois da noite anterior, não ia dar motivos à mulher para espalhar rumores vingativos. — Desde que ela seja leal, fica.

— Ela é demasiado leal. Não quer que nada mude. Coisas que foram feitas num dia aparecem misteriosamente desfeitas na manhã seguinte.

— Está a dizer que ela anda a interferir?

— Ou isso ou a fazer feitiçaria.

— Não a vou despedir. Quando as pessoas são competentes nas suas funções, conservo-as. — Olhou para Hammond. — Mesmo que sejam irritantes.

— Temia que dissesse isso — suspirou Hammond. — Diga-se o que disser da criatura, ela conhece, de facto, a casa. Melhor do que o senhor conhece a cara de um xelim.

Tenho as minhas dúvidas.

— Mas quando ela o assustar a sério — disse Hammond — não me venha bater à porta a meio da noite. Não o deixo entrar.

— Que desilusão...

Desceram o resto das escadas e entraram na sala do pequeno-almoço. Em cima da mesa estava um cesto de fruta, à espera. Gabe começou a salivar e, no entanto — como sempre —, o seu instinto foi hesitar.

Não toques, miúdo. Isso não é para o teu bico.

Por muita riqueza que acumulasse, parecia que nunca conseguiria fazer desaparecer aquela voz. E por muito que devorasse, a satisfação fugia-lhe. A fome nunca desaparecia.

Estendeu uma mão para uma maçã, passou-a no colete e deu-lhe uma dentada desafiadora.

— E depois há o terceiro problema. — Hammond fez um gesto com a cabeça para a janela. — Lá fora, na relva. Lady Penelope Campion.

Gabe caminhou despreocupadamente até à janela. Ela estava diferente naquela manhã. Diferente, mas não menos bonita. O sol primaveril conferia-lhe um brilho dourado ao cabelo loiro, e um vestido simples deslizava-lhe pelos contornos das curvas graciosas e tentadoras. Mesmo dali, via-a sorrir.

Apesar da sua beleza, não era o tipo habitual de Gabe. Não queria ter nada que ver com meninas delicadas e mimadas sem conhecimento do mundo para lá de Mayfair. Eram peças de porcelana pintada numa prateleira alta e ele era o touro que investia loja adentro. O que tornava ainda mais preocupante o facto de Lady Penelope lhe começar a ocupar tantos dos seus pensamentos.

Deu outra dentada na maçã, apanhando com os dentes a fruta doce e estaladiça até ao caroço.

Gabe observou-a a deslocar-se para o centro do relvado. Numa mão enluvada, segurava uma trela. A outra extremidade da trela estava presa a... uma coisa peluda e castanha que *rolava*.

— O que é aquilo?

— Acho que é um rafeiro com as duas patas traseiras aleijadas. Parece que uma amiga de Sua Senhoria concebeu um carinho para a parte traseira, e o cão rola pelo bairro como uma bola de bilhar com cauda. Se acha isso estranho, espere até ver a cabra.

— Alto! Há uma cabra?

— Há, pois. Ela deixa-a pastar no jardim todas as tardes. Não se pode dizer que eleve o nível de Bloom Square, não é verdade?

— Estou a ver qual é o problema.

— E isto é apenas a ponta do icebergue. Sua Senhoria atrasou-nos um mês nas obras. — Hammond tirou uma série de cartas de uma pasta. Levantou uma no ar e leu-a: — «Caro Sr. Hammond, tenho de lhe pedir que suspenda os trabalhos de assentamento de parquê. O cheiro intenso do verniz está a deixar as galinhas tontas. Cumprimentos, Lady Penelope Champion.»

Tirou outra. «Caro Sr. Hammond, lamento, mas o trabalho nos estábulos tem de parar temporariamente. Localizei uma ninhada de gatinhos acabados de nascer no palheiro. A mãe está a tomar conta deles, mas, como ainda não abrem os olhos, só poderão ser deslocados daqui a uma semana. Obrigada pela sua colaboração. Grata, Lady Penelope Champion.»

Gabe reparou no padrão.

— Esta é a minha preferida. — Hammond abanou a carta para a abrir e aclarou a garganta para produzir um efeito dramático. — «Caro Sr. Hammond, se não for uma imposição demasiado grande, posso pedir-lhe que os seus funcionários não façam trabalhos pesados entre as 9 e as 15 horas? Os ouriços-cacheiros são animais noturnos e sensíveis a ruído excessivo. A minha querida *Freyja* está a perder espinhos. Tenho a certeza de que isto o preocupará tanto quanto a mim. A sua vizinha, Lady Penelope Champion.» — Atirou com a pasta das cartas para cima da mesa, onde caiu sonoramente. — O ouriço-cacheiro dela. Francamente...

Lá fora, Sua Senhoria persuadia pacientemente o cão a voltar para dentro de casa, levantando o animal e o carrinho para o ajudar a subir os escassos degraus até à porta. Gabe virou costas à janela, esfregando as têmporas.

— A situação é insustentável, e isso torna a casa invendível. Ninguém quer viver ao lado de um barracão cheio de animais. Já tentei chamá-la à razão, mas, quando se trata daqueles animais, é surpreendentemente tenaz.

«Tenaz» era a palavra. E ela era também suficientemente imprudente para entrar ilegalmente numa casa depois da meia-noite para ir resgatar um papagaio pousado no ombro de um estranho.

Contudo, mesmo aquele grau de tenacidade tinha poucas hipóteses contra a mais pura insensibilidade. Lady Penelope Champion tinha um fraquinho por animais. Gabe não tinha fraquinhos por nada.

— Certifique-se de que o trabalho é feito e traga os potenciais compradores. — Gabe atirou com a maçã para dentro da grelha da lareira. — Eu trato da Lady Penelope Champion.

Capítulo 3



Segundo os padrões sociais, Penny não tinha grandes realizações que a distinguissem. Sendo filha de um conde, recebera a melhor educação possível. Governantas fluentes em três línguas, dois anos numa escola de etiqueta e, depois, tutores privados em arte, música e dança.

Nada parecia resultar. Nunca encontrara um instrumento disposto a aceitar ser tocado pelos seus dedos, por mais que o dedilhasse, puxasse as cordas ou implorasse. No desenho, atingira uma competência mínima.

Dança? Impossível.

Contudo, Penny saíra da adolescência com um sucesso sem paralelo numa área particular.

Cuidar.

Nada lhe agradava mais do que tomar conta dos que a rodeavam. Dar-lhes de comer, aquecê-los, protegê-los, dar-lhes abrigo. O seu afeto era inesgotável.

O único problema era que estava a ficar sem pessoas que o quisessem receber.

Tinha a família, claro. Mas, primeiro, os pais tinham ido para Itália como diplomatas. O irmão mais velho, Bradford, vivia em Cumberland com a mulher e geria a propriedade da família. Por fim, Timothy, o irmão do meio, fora para a Marinha.

Mas continuava a ter amigas maravilhosas. Pouco importava que as raparigas da escola de etiqueta escarnecessem dela. Penny

dava-se bem com as desajustadas de Bloom Square. Emma, Alexandra e Nicola. Juntas, faziam visitas às livrarias, passeavam no parque e juntavam-se em casa dela todas as terças-feiras para tomar chá.

Ou, pelo menos, assim acontecia até as amigas começarem a ter famílias próprias. Primeiro, o casamento de Emma com o Duque de Ashbury evoluíra e passara de um contrato de conveniência para devoção apaixonada. Depois, Alex enfeitiçara o libertino mais infame de Londres e tornara-se a Sra. Chase Reynaud. Quanto à brilhante e inventiva Nicola...?

Penny analisou a nota que acabara de receber, perscrutando-a atentamente para decifrar os rabiscos apressados de tinta.

*Hoje não posso. Bolachas queimadas. Novidades em breve.
Próxima quinta-feira?
Beijos,
N*

Penny pousou o pedaço de papel e ficou a olhar para a bandeja de sanduíches que estava em cima da mesa, todas bem aparadas e prontas para um encontro que não teria lugar.

Felizmente, naquela casa a comida raramente se estragava.

Pegou numa sanduíche, baixou-se e assobiou. *Bixby* desatou logo a correr pelo corredor, com as duas patas da frente a arranhar o soalho e as patas traseiras aleijadas logo atrás, rolando num carrinho engenhoso concebido por Nicola.

Depois de cheirar várias vezes, o cão deu uma lambidela cautelosa no triângulo sem côdea.

— Vá lá — incentivou ela. — É uma receita nova. Vais gostar.

No momento em que *Bixby* cravou os dentes pontiagudos na sanduíche, ouviu-se a campainha. Penny correu para a porta. No último momento, já com a mão no trinco, hesitou.

Seria ele?

Não é possível, disse a si própria.

Mas e se fosse?

Sentindo o desconforto dela, *Bixby* ganiu e esfregou-lhe o nariz nos tornozelos. Inspirando fundo para acalmar os nervos, Penny abriu a porta.

— Oh — disse ela, tentando não parecer decepcionada. — Tia Caroline.

A tia entrou em casa da maneira habitual — como uma viajante que desembarca numa praia estranha, visitando uma terra onde os nativos falam outra língua, usam uma moeda diferente e adoram deuses diferentes. Os olhos assimilaram a envolvência com um interesse frio e complacente. Como se, embora não tivesse qualquer espécie de boa vontade em compreender verdadeiramente aquela cultura estranha, ela a andasse a estudar.

Acima de tudo, tinha cuidado com onde punha os pés.

Depois de acabar a inspeção silenciosa da sala de estar, suspirou, cansada.

— Oh, Penelope...

— Que bom vê-la também, tia.

Os olhos da tia recaíram no cesto acolchoado que estava junto da lareira.

— Ainda é o mesmo ouriço?

Penny decidiu mudar de assunto.

— Por favor, sente-se. Vou pedir que tragam outro bule de chá.

— Obrigada, mas não será necessário. — A tia tirou um tufo de pelo de gato da poltrona, apertando-o entre o polegar e o indicador e segurando-o bem longe de si. Franzindo o sobrolho à bola de pelo, soltou-a e ficou a vê-la flutuar até ao chão. — De qualquer maneira, o que tenho para dizer não demora muito. Recebi uma carta do Bradford. Ele insiste que voltes para Cumberland.

Penny ficou surpreendida.

— Para passar o verão?

— Para o resto da tua vida, creio.

Não.

Não, não, não.

A tia levantou uma mão, barricando-se contra a discordância.

— O teu irmão pediu-me para te dizer que vem a Londres daqui a um mês. E pediu-me também para me assegurar de que estarás preparada para voltar para casa com ele.

Penny ficou dececionada. Era uma mulher adulta, e por isso não a podiam obrigar a mudar-se para os confins de Inglaterra. Contudo, o problema era este — mesmo sendo uma mulher adulta, continuava a ser mulher. Aquela casa pertencia ao pai e, quando o pai estava fora do país, Bradford é que ficava ao leme. Penny vivia em Bloom Square porque ele deixava. Se exigisse que ela se retirasse para Cumberland, ela teria pouco a dizer sobre o assunto.

— Tia Caroline, por favor. Não pode escrever-lhe e convencê-lo a mudar de ideias?

— Não farei tal coisa. Na verdade, concordo com o teu irmão. Eu própria o devia ter sugerido. Prometi aos teus pais que tomaria conta de ti, mas, agora que a guerra terminou, tenciono viajar para o Continente. Não devias estar a viver sozinha.

— Tenho 26 anos, e não vivo sozinha. Tenho a Sra. Robbins.

Sem dizer uma palavra, a tia pegou na campainha que estava na mesa do chá e tocou levemente.

Passaram longos segundos e da Sra. Robbins nem sinal.

A tia Caroline esticou o pescoço para o corredor principal e levantou a voz.

— Sra. Robbins!

Penny cruzou os braços e suspirou, plenamente consciente do que a tia estava a querer dizer.

— Ela sempre tomou conta de mim.

— Já não estás a tomar conta de ti. És tu que estás a tomar conta dela.

— Só porque a pobrezinha está um pouco surda...

A tia Caroline bateu com o pé no chão três vezes — *bum, bum, bum* — e gritou:

— SRA. ROBBINS!

Por fim, o som de passos idosos e arrastados chegou do fundo da casa até à sala de estar.

— Ora! — disse a Sra. Robbins. — É a Lady Caroline. Não sabia que tinha passado por cá. Toma um chá?

— Não, obrigada, Robbins. Já cumpriu a sua função.

— Já? — A mulher mais velha parecia confusa. — Sim, claro.

Depois de a Sra. Robbins deixar a sala, Penny dirigiu-se à tia.

— Não quero sair daqui. Sou feliz a viver na cidade. A minha vida é aqui. Todas as minhas amigas estão aqui.

— A tua vida e as tuas amigas estão... onde? — provocou a tia Caroline, deitando um olhar a cada uma das cadeiras vazias, às bandejas de chá frio e sanduíches intactas, e, por fim, aos três gatinhos que puxavam os fios das cortinas com as suas pequenas unhas.

— Eu também tenho amigos humanos — disse Penny, na defensiva.

A tia não estava tão certa disso.

— É verdade. Vários.

A tia olhou para a bandeja de prata no *hall*. Aquela onde se acumulavam cartões de visita e convites — ou acumulariam, se Penny os recebesse, coisa que não acontecia. A bandeja estava vazia.

— Algumas das minhas amigas estão fora da cidade. — Consciente de como parecia absurda, acrescentou: — E outras são cientistas malucas.

Outro suspiro de pena da tia.

— Temos de enfrentar a verdade, Penelope. Está na hora.

Está na hora.

Penny não precisava de perguntar o que a tia queria dizer com aquilo. A insinuação era clara.

A tia Caroline queria dizer que estava na hora de desistir.

Estava na hora de Penny voltar para a casa da sua família em Cumberland e resignar-se com o seu destino: ficar para tia. Tinha de assumir o papel de tia solteira e deixar de envergonhar a família e a si própria.

Após nove anos na cidade, não se tinha casado. Nem sequer tivera um pretendente a sério. Raramente se misturava com a

sociedade. Se quisesse ser perfeitamente franca, retiraria «raramente» e substituí-a por «nunca». Não tinha qualquer interesse intelectual como a arte, a ciência ou a poesia. Não frequentava salões de mulheres eruditas, nem protestos sobre reformas sociais. Ficava em casa com os seus animais domésticos e convidava as suas amigas socialmente desajustadas para tomar chá, e...

E fora do seu pequeno círculo as pessoas riam-se dela.

Penny sabia isso. Era alvo de pena e chacota desde o seu desastroso dia de debutante. Isso não a incomodava, exceto... Bem, exceto quando incomodava.

Como pessoa que queria gostar de toda a gente, magoava-a saber que nem todos lhe retribuía esse afeto.

A sociedade há muito que desistira dela. Agora, era a família a fazê-lo.

Mas Penny não ia desistir de si própria. Quando a tia fez menção de se ir embora, ela agarrou-a pelo braço.

— Espere. Não há nada que eu possa fazer para a fazer mudar de opinião? Se intercedesse por mim, tenho a certeza de que o Bradford reconsideraria. — A tia ficou em silêncio. — Por favor, tia Caroline. Suplico-lhe.

Penny não podia regressar a Cumberland, a casa onde passara as horas mais sombrias da sua vida. A casa onde aprendera a engolir a vergonha e a guardá-la num sítio escuro, fora da vista.

Sabes guardar um segredo, não sabes?

A tia fez um biquinho com os lábios.

— Muito bem. Para começar, podes comprar roupa nova. Pelos e penas estão muito bem e são adequados, mas só quando se usam com um propósito, e é preciso saber usá-los.

— Posso mudar todo o meu guarda-roupa.

Não incluiria adornos com pelo ou penas, mas Penny podia prometer que o renovaria.

— E depois de teres roupa nova, tens de a usar. Na ópera. A jantar fora. Seria preferível um baile, mas ambas sabemos que é pedir muito.

Ui. Penny nunca ultrapassaria essa cena humilhante.

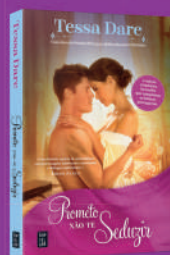
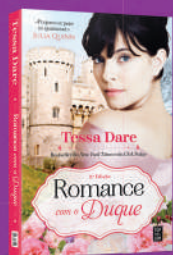
CHAMAM-LHE O DUQUE DA RUÍNA...
MAS PARA UMA JOVEM DESTEMIDA
ELE É TÃO INOFENSIVO
QUANTO UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO.

Penny Campion é uma jovem nobre, filha de um duque, que não quer conviver com a alta sociedade, preferindo ficar em casa a tomar conta dos seus animais. É uma mulher leal e caridosa, sendo incapaz de encontrar uma criatura vulnerável sem a levar para casa. Contudo, a sua tia quer que ela participe em eventos sociais e se livre dos animais. Caso contrário, Penny terá de ir viver para o campo com o intransigente irmão, um destino que ela teme.

Gabriel Duke é um milionário que compra a casa ao lado da de Penny por saber que esta, como futura duquesa, poderá valorizar a propriedade dele. Chamam-lhe o Duque da Ruína, pois ele é perito em arruinar nobres. Quando descobre que Penny está em risco de partir, oferece-se para a ajudar.

É então que Penny percebe que por detrás de um homem aparentemente cruel existe um coração ferido. Agora, é Gabriel quem ela quer salvar. Conseguirá fazê-lo ou acabará arruinada?

DEIXE-SE
APAIXONAR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-809-7



9 789896 688097

Ficção Romântica